



SEÇÃO LIVRE

Análise pragmática de linguagem excludente: um estudo de macroatos de fala

Pragmatic analysis of exclusionary language: a study of speech macroacts

Análisis pragmático del lenguaje excluyente: un estudio de los macroactos de habla

Cristina Becker Lopes

Perna¹

orcid.org/0000-0002-9638-1180

cperna@pucrs.br

Leonardo Sarmento

Travincas de Castro¹

orcid.org/0000-0002-1012-6948

leonardo.travincas@edu.pucrs.br

Lucas Zambrano

Rollsing¹

orcid.org/0009-0000-4376-0200

lrollsing@edu.pucrs.br

Maria Fernanda do

Nascimento¹

orcid.org/0000-0002-0127-755X

nascimento.maria23@edu.pucrs.br

Martha Machado Porto¹

orcid.org/0000-0002-6567-7923

martha.porto@edu.pucrs.br

Mônica Silveira Jorge

da Silva¹

orcid.org/0000-0003-3913-392X

silveira.monica@edu.pucrs.br

Recebido em: 15 maio 2024.

Aprovado em: 18 set. 2024.

Publicado em: 12 dez. 2024.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: O presente artigo apresenta uma análise dos macroatos de fala em um discurso político que contém linguagem excludente do tipo xenofóbico, racista, social e ideológico. Partiu-se da hipótese de que o discurso excludente em pauta segue alguns padrões linguísticos que visam a mascarar as reais intenções do locutor e persuadir os receptores a se alinharem à sua fala. Para tal fim, o artigo dialoga com teorias linguísticas que estão na interface da oratória, pragmática e análise textual, considerando segmentos textuais mais extensos do que o enunciado. O arcabouço teórico é composto pelos princípios de discurso de Aristóteles (2018), pela perspectiva linguística de atos de fala de Austin (1962), de macroatos de fala de van Dijk (1980, 1981) e pela análise crítica do discurso de Fairclough (1995, 1996, 2001). Conclui-se que o discurso analisado situa-se em um contexto de prática social institucional, no qual o locutor representa, incorpora e desempenha posicionamentos padronizados na estrutura social, assinalados diversas vezes ao longo do pronunciamento observado, das escolhas lexicais e das intenções subjacentes a elas.

Palavras-chave: linguagem excludente; discurso; (macro)atos de fala; análise crítica do discurso.

Abstract: This article presents an analysis of the macro speech acts in a political discourse that contains exclusionary language of the xenophobic, racist, social, and ideological kind. It is based on the hypothesis that the exclusionary discourse in question follows certain linguistic patterns that aim to mask the speaker's real intentions and persuade the recipients to align themselves with his speech. To this end, the article explores linguistic theories that are at the interface of oratory, pragmatics, and textual analysis, considering textual segments that are longer than the utterance. The theoretical framework is made up of Aristotle's principles of discourse (2018), the linguistic perspective of Austin's Speech Acts (1962), van Dijk's Speech Macroacts (1980, 1981), and Fairclough's Critical Discourse Analysis (1995, 1996, 2001). The conclusion is that the discourse analyzed is situated in a context of institutional social practice, in which the speaker represents, incorporates and performs standardized positions in the social structure, signaled several times throughout the observed pronouncement, explicit in the lexical choices themselves and in the intentions underlying them.

Keywords: Exclusionary Language; Discourse; (Macro)Speech Acts; Critical Discourse Analysis.

Resumen: El presente artículo presenta un análisis de los macro actos de habla en un discurso político que contiene lenguaje excluyente de tipo xenofóbico, racista, social e ideológico. Se partió de la hipótesis de que el discurso excluyente en cuestión sigue algunos patrones lingüísticos que buscan enmascarar las reales intenciones del hablante y persuadir a los receptores a alinearse con su discurso. Para tal fin, el artículo dialoga con teorías lingüísticas que están en la interfaz de la oratoria, pragmática y análisis textual, considerando segmentos textuales más extensos que el enunciado. El marco teórico está compuesto por los principios de discurso de Aristóteles (2018), por la perspectiva lingüística de Actos de Habla de Austin (1962), de Macroactos de Habla de van Dijk (1980, 1981)

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

y por el Análisis Crítico del Discurso de Fairclough (1995, 1996, 2001). Se concluye que el discurso analizado se sitúa en un contexto de práctica social institucional, en el cual el hablante representa, incorpora y desempeña posicionamientos estandarizados en la estructura social, señalados diversas veces a lo largo del pronunciamiento observado, explícito en las propias elecciones léxicas y en las intenciones subyacentes a ellas.

Palabras clave: lenguaje excluyente; discurso; (macro)actos de habla; análisis crítico del discurso.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar os atos de fala que compõem o discurso proferido pelo vereador Sandro Fantinel na 267ª sessão ordinária da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, município do Rio Grande do Sul (RS), em 28 de fevereiro de 2023. Nossa análise busca caracterizar as intenções subjacentes a essa exposição oral e as estratégias de persuasão utilizadas. Para atingir tal propósito, adotamos os tipos de discurso de Aristóteles (2018), a perspectiva linguística de atos de fala de Austin (1962), de macroatos de fala de van Dijk (1980, 1981), e apoiamos-nos na análise crítica do discurso de Fairclough (1995, 1996, 2001) para analisarmos a linguagem excludente. Assim, nossa visão de linguagem considera segmentos textuais mais extensos do que o enunciado, empregados em situações de uso real, revestidos de uma intenção comunicativa para se obter determinado efeito no ouvinte.

O discurso de Fantinel abordou uma operação conduzida pelo Ministério Público do Trabalho, ocorrida alguns dias antes na cidade de Bento Gonçalves (RS), que revelou mais de 200 indivíduos, em sua maioria provenientes do Nordeste, notadamente da Bahia, vivendo em condições análogas à escravidão. Esses trabalhadores eram empregados de uma empresa que terceirizava mão de obra para grandes cooperativas vinícolas da região. O vereador qualificou os acontecimentos relacionados à operação como "exagerados" e "midiáticos". Além disso, afirmou "que a única cultura que eles [as vítimas] têm é viver na praia tocando tambor", e que, por isso, "era normal

que se fosse ter esse tipo de problema". Fantinel disse ainda: "Que isso sirva de lição, deixem de lado aquele povo, que é acostumado com carnaval e festa (referindo-se aos nordestinos, a quem ele chama genericamente de baianos em alguns momentos de sua fala) para vocês (os contratantes réus do caso em questão) não se incomodarem novamente".

Como resultado de suas declarações, Fantinel foi acusado de xenofobia e racismo nas redes sociais e pela imprensa. Ele foi expulso de seu partido, o Patriota, indiciado pela Polícia Civil por crime de racismo, quase perdeu seu mandato e enfrenta questões legais relacionadas a pagamentos de indenizações. Haja vista tal repercussão, o vereador se pronunciou no Instagram² dizendo o seguinte: "Em um momento de lapso mental, proferi palavras que não representam o que eu penso e sinto pelo povo da Bahia e do Norte e Nordeste". Não obstante a negação de seu discurso, as ideias nele contidas refletem um pensamento tipicamente associado a inclinações antidemocráticas e criminosas, como a xenofobia, o racismo e o preconceito, que, no caso do enunciado em análise, são materializados pelo discurso. A partir dessa fala, parte-se de uma descrição e uma caracterização do que viria a ser por nós chamada "linguagem excludente", ou seja, uma linguagem cujas intenções implícitas do falante levam o ouvinte a crer que há uma tentativa indireta de convencimento sobre uma determinada tônica comunicativa cujos contornos permeiam a fragmentação social em comunidades antagônicas.

Assim, empregar uma linguagem excludente é proferir um dado enunciado com a intenção de alcançar efeitos perlocucionários que veiculam posições antidemocráticas. Para tanto, tentaremos elucidar as estratégias de convencimento contidas no discurso do vereador, trazendo as características encontradas em sua fala. Dessa forma, obteremos uma descrição do ato de fala excludente a partir de suas características de uso e intenção comunicativa, a fim de promo-

² Link para a visualização na íntegra do pedido de desculpas do vereador: https://www.instagram.com/reel/CpTTiHMNV2G/?utm_source=ig_web_button_share_sheet. Acesso em: 11 de Novembro de 2023.

veremos uma avaliação mais criteriosa da retórica do sujeito, tendo em vista que determinadas características também podem ser encontradas em conversas informais do cotidiano, que, muitas vezes, são permeadas por tais nuances excludentes. Esperamos, portanto, que a leitura deste artigo não apenas contribua para esclarecer como a teoria dos atos de fala pode ser utilizada para caracterizar e reconhecer atos de fala excludentes, mas também fornecer critérios de avaliação linguística de enunciados cujos proferimentos venham a atacar instituições, comunidades ou processos democráticos já estabelecidos.

1 (Macro)Atos de fala, intenção comunicativa e condições (sociopsicológicas) de felicidade

Convém apresentar, antes de partirmos para a análise do proferimento do edil caxiense, o discurso segundo a perspectiva da *A arte da Retórica*³ de Aristóteles (2018), os aspectos da teoria de atos de fala a partir da perspectiva de Austin (1962), a concepção de macroatos de fala, conforme proposta por van Dijk (1980, 1981) e o arcabouço da análise crítica do discurso (doravante ACD) com base nas contribuições de Fairclough (1995, 1996, 2001). Esse percurso teórico nos levará a compreender o fenômeno da linguagem excludente desde sua materialidade linguística inicial, a proposição, até seu contexto sociodiscursivo maior, o macroato de fala, bem como sua intencionalidade intrínseca.

Iniciamos este artigo retomando alguns conceitos trazidos pelos gregos acerca de oratória e comunicação. O principal material escrito que temos da Antiguidade sobre esse assunto é o texto *A arte da Retórica* (2018), escrito por Aristóteles, como um contraponto à arte da dialética. *A arte da Retórica* é considerado o texto mais clássico já escrito sobre oratória e contém alguns dos principais conceitos e princípios que norteiam a estrutura de um discurso e, por isso, mantém-se relevante até os dias atuais. Entre os conceitos que nos interessam para os fins de análise do

discurso do vereador Fantinel estão os de *logos*, *pathos* e *ethos*. Cada um desses conceitos, ou princípios, funciona como estratégias de oratória que os oradores escolhem para realizar seus discursos, cativar a plateia e atingir seus objetivos.

De acordo com Aristóteles, um discurso é estruturado a partir desses princípios, caracterizados do seguinte modo: o *logos* representa a estrutura de um discurso cuja motivação e estruturação do pensamento é racional, em que são apresentados argumentos ordenadamente lógicos, que conduzem a audiência a utilizar seu raciocínio sobre o que é exposto; o convencimento se dá pela razão. Em oposição ao *logos*, o *pathos* convence e cativa a audiência pela emoção e pela habilidade do orador de sensibilizar os interlocutores, a ponto de eles se colocarem no lugar da situação que está sendo descrita. O princípio do *pathos* é conduzir a audiência a concordar com o orador através da emoção e dos sentimentos, e costuma produzir um efeito muito persuasivo. Aristóteles postula que os interlocutores podem modificar seu pensamento, seu posicionamento, de acordo com as suas emoções, de forma que discursos muito persuasivos e apelativos costumam valer-se predominantemente do *pathos*. Por fim, o *ethos* diz respeito ao caráter, à credibilidade, ao valor-verdade do discurso, à ética e à qualidade de autoridade do orador. É importante mencionar que, para Aristóteles, o *ethos* não é construído a partir da imagem que se faz do orador, mas, sim, de seu discurso, da coerência interna de seu discurso e de seu caráter.

Esclarecidos os conceitos de Aristóteles, devemos discutir as considerações acerca do enunciado linguístico pela visão performativa da linguagem, conforme estabelecida por Austin em seu trabalho seminal *Quando dizer é fazer* (1990). Nele, Austin desenvolve uma análise linguística cuja centralidade está na realização de algo no mundo via linguagem. Ou seja, a partir do proferimento de um enunciado por um falante, teremos uma mudança no estado das coisas,

³ Neste artigo, mantivemos o título da obra conforme sua notação em inglês, *The Art of Rhetoric*, tendo sido a edição consultada. Algumas traduções preferiram chamar o livro de *A Retórica* de Aristóteles. As edições brasileiras, em sua maioria, seguem essa tendência.

mas também no ouvinte, cujo efeito poderá corresponder ou não àquilo que foi pretendido inicialmente pelo falante. Assim, temos uma visão performática da linguagem que a reveste com uma nova roupagem até então não levada em conta por linguistas anteriores a ele.

Nas conferências proferidas em Harvard, o autor leva sua audiência a perceber que mesmo o simples ato de descrever algo sempre contém uma intenção comunicativa, ou seja, não há mais por que distinguir proferimentos entre performativos e constatativos. O que há na realidade é um proferimento composto por três dimensões inseparáveis e que dão vida a qualquer troca linguística. Austin inaugura, portanto, o conceito de "ato de fala". Toda a comunicação se dá pela troca e pelo reconhecimento de atos de fala. Nenhum enunciado existe sem que haja um contexto mútuo em que falantes e ouvintes imprimem em suas falas alguma intenção comunicativa. Dessa forma, para melhor esclarecer o pensamento austiano sobre linguagem, convém definir o que seria o ato de fala, assim como suas facetas: locucionária, ilocucionária e perlocucionária.

Qualquer enunciado, escrito ou oral, proferido por um usuário de uma língua natural parte de uma estrutura linguística, ou seja, uma sequência verbal que possui aspectos fonéticos, semânticos e sintáticos daquela língua em questão. A essa estruturação verbal dá-se o nome de "ato locucionário". No entanto, o ato locucionário, dito ou escrito, é desprovido de uma intenção comunicativa que almeja uma transformação contextual a partir da sua própria enunciação, portanto, agrega-se à estrutura verbal o "ato ilocucionário", ou seja,

uma intenção comunicativa que o usuário da língua pretende comunicar. Tendo em vista que a comunicação sempre pressupõe um interlocutor, a última instância nesse processo é o efeito no ouvinte/leitor causado pelo ato de fala proferido, ou seja, o "ato de fala perlocucionário", que é mais ou menos controlado pelo enunciador.

Um ato de fala é, portanto, um enunciado em que simultaneamente ocorrem três outros atos: um que parte da estrutura linguística (ato locucionário), um que veicula uma intenção comunicativa (ato ilocucionário) e, por fim, um com vistas a alcançar um efeito comunicativo no interlocutor (ato perlocucionário). Dessa forma, comunicamo-nos por atos de fala que são reconhecidos, ou não, pelo interlocutor. Todavia, o reconhecimento da intenção comunicativa se torna o mais distintivo, pois é a ilocução que trará à interação um tom de pedido em vez de ordem, por exemplo. Vejamos o exemplo a seguir, de uma situação comunicativa em que dois falantes se encontram sentados lado a lado em uma sala de aula: B está sentado ao lado de uma janela aberta, pela qual entra vento; A está com frio devido à corrente de ar:

A: Você poderia fechar a janela, por favor?

B: Claro! (fecha a janela)

A: Muito melhor. Obrigado.

B: Se ficar abafado, eu abrirei um pouco.

A: Ok.

Nessa interação, portanto, temos dois atos de fala distintos, conforme descritos no quadro que segue.

Quadro 1 – Exemplos de atos de fala

FALANTE A: PEDIDO	FALANTE B: ACATO
Ato locucionário : enunciado "Você poderia fechar a janela, por favor?", modalizado pelo uso do verbo "poder" no futuro do pretérito, a fim de amenizar o impacto do ato ilocucionário.	Ato locucionário : enunciado, formado por um período composto, em que há uma oração condicional: "Se ficar abafado..."; e uma oração principal que expressa a consequência da condição dada: "...eu abrirei um pouco".
Ato ilocucionário : realização de um pedido para que B feche a janela.	Ato ilocucionário : realização de um acato ao pedido de A mediante condição.
Ato perlocucionário : B acata o pedido de fechamento da janela.	Ato perlocucionário : A acata o fato de que pode vir a passar frio novamente.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Como exposto anteriormente, e de acordo com Austin, o que acaba por diferenciar uma locução de outra, na verdade, passa a ser o ato ilocucionário (ilocução), pois é nele que se coloca na estrutura verbal uma força comunicativa que passa a distinguir um ato locucionário de outro. Dessa forma, o ato de fala é identificado a partir do que se quer fazer no mundo com dada estrutura verbal; assim sendo, surge o conceito de "força ilocucionária". Essa força reveste então a proposição (ato locucionário) e alcança determinado efeito no ouvinte/leitor (ato perlocucionário) de acordo com o que é almejado pela intenção do falante/escritor (ato ilocucionário). Tendo isso em mente, passa-se a caracterizar os fenômenos comunicativos como dotados de um componente adicional, visto que, nessa visão performática da linguagem, falar/escrever é sempre realizar algo.

Além desse componente tripartite do ato de fala, Austin (1962) postula o fato de que deve haver uma série de condições para que um ato seja bem-sucedido; para tanto, postula "condições de felicidade" de modo a garantir que haja de fato uma comunicação do que se quer alcançar. Es-

sas condições resultam de fatores muitas vezes extralinguísticos, que envolvem os falantes no momento do proferimento, assim:

- A. (i) Deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional (ii) As circunstâncias e as pessoas devem ser adequadas, conforme especificado no procedimento
- B. O procedimento deve ser executado (i) corretamente e (ii) completamente
- C. Muitas vezes, (i) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções requeridos conforme especificado no procedimento, e (ii) se a conduta consequente é especificada, então, as partes relevantes devem ater-se a essa conduta (Levinson, 2007, p. 291).

Conforme podemos verificar, as condições de felicidade estão bastante relacionadas à condução do ato de fala, até que seja realizado ou não. Logo, podemos perceber que a comunicação está dentro de um contexto situacional, cujos papéis discursivos dos usuários são preestabelecidos para que se possa alcançar algum efeito real no mundo. No caso do proferimento do vereador em questão, temos alcançadas as condições a seguir constantes no quadro.

Quadro 2 – Condições de felicidade alcançadas

<p>A. Procedimento: (i) convencional com efeito convencional; (ii) em circunstâncias e com pessoas adequadas.</p>	<p>(i) Sessão plenária em que é convencionado o proferimento do vereador conforme regimento interno. (ii) O vereador está apto a realizar seu proferimento conforme tempo regimental.</p>
<p>B. Procedimento: (i) deve ser executado corretamente; (ii) deve ser executado completamente.</p>	<p>(i) O vereador executou, como era esperado, seu proferimento de acordo com o regimento interno e a autorização do presidente da câmara. (ii) O vereador utilizou seu tempo regimental disponível e finalizou completamente seu proferimento.</p>
<p>C. Procedimento: (i) as pessoas devem ter os pensamentos, os sentimentos e as intenções conforme requerido; (ii) a conduta consequente é especificada e as partes relevantes devem ater-se a ela.</p>	<p>(i) Neste caso, aparentemente o vereador teve a intenção de comunicar uma situação ocorrida com as vinícolas, visando a uma forma de protesto. (ii) O vereador se ateve a sua conduta de parlamentar, concluindo sua fala, como é esperado.</p>

Fonte: elaboração dos autores (2024).

A partir do quadro exposto, no que se refere às condições A e B, vemos que elas podem ser agrupadas como circunstanciais, ou seja, há um procedimento extralinguístico que possibilita a realização de algum tipo de ato de fala. Qualquer uma das subcondições de A e B que não forem

obedecidas invalida o ato de fala, e este não é levado a cabo. Dessa forma, para que um ato seja bem-sucedido, aquilo que se espera em uma dada interação verbal deve ser alcançado, para que somente assim haja comunicação, de fato, de uma dada intenção.

Já as condições expressas em C estão relacionadas ao que se espera do falante/escritor propriamente dito. Contudo, elas podem ser violadas ou não, uma vez que não constituem quebras do procedimento comunicativo esperado. Assim, a essas condições subjazem comportamentos intrínsecos ao usuário da língua, o qual pode mascarar suas reais intenções ou não convir com a verdade e, não obstante, alcançar o efeito visado pelo ato ilocucionário proferido. Nesse ponto da teoria dos atos de fala, podemos perceber que Austin (1962) propõe que a identificação dos pensamentos, dos sentimentos e das intenções requeridos pelo procedimento é também padronizada e deveria ser seguida pelo usuário. Dessa forma, espera-se que a conduta de um vereador ou qualquer figura pública não incite ódio, preconceito ou xenofobia, embora tenha sido esse o efeito perlocucionário alcançado.

Todavia, não se pode embasar uma análise mais aprofundada de um ato de fala somente pelas suas condições de felicidade propriamente ditas, pois, conforme visto no quadro anterior, o vereador atendeu a todas as expectativas do procedimento convencional de uma sessão plenária. Houve, contudo, falhas nas condições de felicidade (itens Ci e Cii), que são mais bem explicadas se considerado o contexto maior em que o vereador se insere. Destarte, partimos para o que van Dijk (1980, 1981) postula como "macroato de fala": todos os aspectos trazidos anteriormente sobre um ato de fala, acrescentando-lhe um componente discursivo maior.

Analisar os discursos políticos na atualidade brasileira utilizando a análise pragmática requer um rigor científico preciso, envolvendo o esclarecimento de duas unidades de análise dos atos de fala. Isso permite que, no discurso, seja possível observar como o orador busca persuadir a opinião pública, manipular e ganhar apoio em suas ideologias. À vista disso, é fundamental realizar um estudo apoiado nas considerações

de van Dijk (1980) sobre as unidades de análise dos atos de fala. De um lado, temos os microatos: que se referem aos atos de fala individuais; por outro, os macroatos: que englobam vários segmentos de atos de fala com objetivos mais amplos (van Dijk, 1980). As unidades de análise dos atos de fala, de acordo com van Dijk (1980), envolvem desde os atos de fala individuais até os macroatos, possibilitando uma análise mais ampla e aprofundada do discurso.

Os atos de fala isoladamente podem não ser suficientemente compreensíveis, mas, quando inseridos em uma sequência de atos de fala, adquirem um significado pragmático que depende da interação dinâmica em uma conversa ou discurso (van Dijk, 1980). De acordo com van Dijk (1980, p. 238), "as sequências de atos de fala exigem planejamento e interpretação globais, ou seja, certas sequências de vários atos de fala podem ser planejadas e compreendidas e, portanto, funcionar socialmente como um único ato de fala"⁴. Essa sequência de atos de fala inserida em um contexto será chamada de "fala global" ou "macroato de fala" (van Dijk, 1980).

Segundo van Dijk (1981), os atos de fala podem ser analisados em níveis. Esses níveis classificam-se em: microestrutural, quando os atos de fala são analisados individualmente, envolvendo o reconhecimento de elementos linguísticos (palavras, frases e padrões gramaticais); e macroestrutural, ocorrendo nas análises das estruturas discursivas ocorridas em contextos sociais e culturais em nível mais global. No nível macroestrutural, van Dijk (1981) examina a influência da construção de identidades sociais e políticas no discurso, além de analisar como os discursos contribuem para a produção de narrativas e discursos ideológicos que representam relações de poder e hierarquia social.

Considerando a análise global dos atos de fala, "o significado de um discurso está intimamente relacionado ao ato de fala realizado pela

⁴ Excerto original: "*Just like actions in general, speech act sequences require global planning and interpretation. That is, certain sequences of various speech acts may be intended and understood, and hence function socially, as one speech act*". Somente a parte em negrito consta no texto principal.

enunciação desse discurso em um contexto de conversação"⁵ (van Dijk, 1980, p. 243). Isso implica dizer que as informações proferidas em discursos não envolvem apenas a estrutura semântica de um texto, mas também questões pragmáticas como a intenção comunicativa, de forma que o ato de fala seja viável ou realizado com êxito (van Dijk, 1980, 1981). Entretanto, não se pode negar que a macroestrutura semântica contribui para que o ato de fala global tenha sucesso (van Dijk, 1980).

A função pragmática não é só manifestada na estrutura linguística de um enunciado, mas também ocorre em macroatos de fala através de um discurso em sua totalidade. Levando em consideração, por exemplo, discursos de ordem nos quais o uso de pronomes, imperativos, itens lexicais selecionados, entre outros elementos, são empregados para criar uma "restrição global na sequência" durante a realização do ato de fala, é possível identificar que "as atitudes têm natureza esquemática: são o princípio organizador geral, de ordem superior, de nossas crenças, opiniões, motivações e projetos"⁶ (van Dijk, 1980, p. 245). O autor afirma que, embora ainda não se tenha atingido uma precisão, o estilo do discurso é determinado pelo ato de fala global. Isso quer dizer que as escolhas gramaticais são influenciadas por escolhas semânticas semelhantes (van Dijk, 1980). Em consonância, portanto, com os estudos de van Dijk, observamos que um discurso político pode ser analisado a partir dos macroatos de fala, dos quais serão apontados elementos linguísticos que podem enfatizar termos de poder, ideologia e preconceitos. Desse modo, poderemos destacar a importância da análise crítica de um discurso numa visão pragmática.

Assim, partindo dessa abordagem – incorporada aos compromissos sociais e políticos (Rajagopalan, 1999) que permeiam a condição humana e o uso da linguagem –, a noção de discurso aqui mobilizada parte das contribuições de Fairclough

(1995, 1996, 2001, 2012), em sua teoria da análise crítica do discurso (ACD), compreendendo-o como prática social constituída e permeada pelo uso da língua(gem) em interação pelos sujeitos em contextos específicos de enunciação a fim de construir, ampliar, desconstruir e subverter o mundo. Desse modo, na materialidade linguística, residem e são manifestadas as relações entre ideologias e hegemonia política. Isso implica:

Primeiro, ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também como um modo de representação. Segundo, há uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante (Fairclough, 2001, p. 91).

O discurso, segundo essa perspectiva, é a linguagem humana como uma forma de agir no mundo, formada pela e direcionada à estrutura social. Logo, a sua materialização em forma de enunciado é revestida por questões de ordem pragmática relacionadas à ação e à intencionalidade dos falantes, bem como às ideologias, nos contextos precedentes à enunciação e da própria enunciação. Para Fairclough (2001), a formação discursiva é constituída, indissociavelmente, por três elementos: (1) a prática social; (2) a prática discursiva (produção, distribuição e consumo do texto); (3) o texto. Esses fatores são identificados através das proposições implícitas, oriundas do conhecimento prévio do sujeito à elaboração dos discursos, ou seja, não se restringem apenas aos significados convencionais da língua. Partindo desse prisma, é necessário assinalarmos a conceptualização da ideologia adotada neste trabalho como um fenômeno localizado tanto

⁵ Excerto original: "From the analysis of the examples of global speech acts proposed above, it has already been seen that **the meaning of a discourse is closely related to the speech act accomplished by the utterance of that discourse in a context of conversation**". Somente a parte em negrito consta no texto principal.

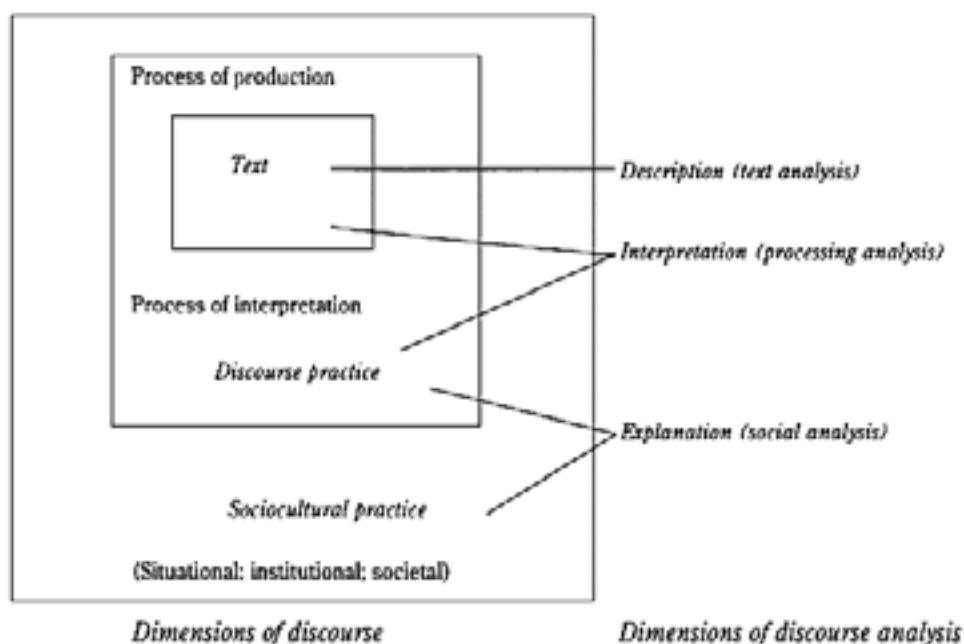
⁶ Excerto original: "Attitudes have schematic nature: They are the general, higher-order, organizing principle of our beliefs, opinions, motivations, and designs".

no contexto e nas condições históricas que antecedem a materialização discursiva quanto no próprio discurso. Desse modo, segundo Fairclough (1996), o conceito de "ideologia" é vinculado diretamente à noção gramsciana de ideologia, à medida que é compreendido como intimamente associado a dois aspectos humanos: as relações de poder presentes nas relações sociais marcam o primeiro aspecto, e o uso da linguagem como prática social sinaliza o segundo.

Assim, compreendemos que os objetivos críticos e descritivos da ACD contribuem para

aprofundar a análise dos atos de fala procedentes de proferimentos políticos como pretendida aqui, uma vez que "a adoção de objetivos críticos significa investigar as interações verbais tendo em conta a sua determinação pelas estruturas sociais e os seus efeitos sobre elas" (Fairclough, 1995, p. 36). Para tanto, a análise crítica parte de movimentos descritivos em relação ao objeto em análise – a linguagem –, da sua interpretação processual a explicações de base social, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso e dimensões da ACD



Fonte: Fairclough (1995, p. 98).

A figura 1 representa a concepção tridimensional do discurso proposta pela ACD e as dimensões da análise de discurso, concebidas através da tentativa de emparelhar tradições teórico-analíticas distintas sobre o objeto a fim de propor uma análise que contemple a prática discursiva como um todo. As práticas socioculturais marcam o nível mais macro por contemplarem as experiências humanas empreendidas nas sociedades, situações e instituições diversas. Para que essas sejam constituídas, de fato, como práticas, é necessário que estejam permeadas pela linguagem como modo de (trans)formação, ou seja, pela prática discursiva. Desse modo, a

prática discursiva, manifestada na linguagem, especificamente, no enunciado como unidade linguística é, assim, uma forma *sui generis* da prática social, sendo responsável pelo nível de formação subjacente do discurso. Em síntese, adotamos procedimentos de análise da prática discursiva que partem da descrição do enunciado como estrutura linguística (oral, escrita) imbricada de intenções e condições sociopsicológicas que bebem da prática social dos falantes.

Portanto, tendo definidas nossas posições acerca das relações estabelecidas entre as contribuições clássicas de Austin, sobre a teoria dos atos de fala, e ampliadas por van Dijk, a partir de

uma compreensão do macroato, aliadas à análise crítica do discurso de Fairclough, a próxima seção descreve o discurso em pauta.

2 Descrição dos macroatos de fala

Apresentamos a seguir nossa descrição e análise do discurso do vereador Sandro Fantinel proferido na 267ª sessão ordinária da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul/RS, em 28 de fevereiro de 2023, à luz da teoria dos atos de fala, dos macroatos de fala e da ACD. Para tanto, utilizamos, na íntegra, a transcrição do discurso do parlamentar, conforme foi proferido na sessão plenária, mantendo-se todos os registros taqui-

gráficos, inclusive aqueles cuja natureza divirja do prescrito pela norma-padrão.

De acordo com van Dijk (1981, p. 292), uma análise pragmática do processamento do ato de fala deve ter uma base empírica e ser calcada em "condições sociopsicológicas do falante". A fim de sistematizar a miríade de componentes sociopsicológicos envolvidos na interação verbal, é proposto o quadro de referência que segue, tendo em vista que, "[...] para cada ato de fala, os fatores de cada uma dessas categorias tornam-se relevantes para se obter sucesso, ou seja, para a sua aceitação e posterior mudança cognitiva" (van Dijk, 1981, p. 293, tradução nossa).

Quadro 3 – Condições sociopsicológicas segundo van Dijk

A – Sociocognição	B – Emoções
1. conhecimento geral e crenças 2. opiniões 3. atitudes 4. normas 5. valores	1. ódio 2. amor 3. raiva 4. ansiedade 5. esperança
C – Personalidade	D – Tipos de interação
1. agressivo 2. amigável 3. dominante 4. submisso 5. (im)paciente 6. autoritário 7. (in)tolerante	1. agressão 2. ajuda, cooperação 3. obstrução 4. formal 5. informal, familiar 6. (im)paciência 7. demonstração de afeto
E – Categorias participantes	F – Categorias contextuais/quadros
1. papel 2. status 3. poder 4. função	1. público 2. privado 3. estranho 4. familiar 5. institucional

Fonte: van Dijk (1981, p. 293, tradução nossa).

Empregou-se, então, o seguinte método de análise do proferimento do vereador: em primeiro lugar, dividiu-se o texto em macroatos nos quais pôde-se averiguar uma intenção comunicativa comum; em segundo lugar, a partir do trecho destacado, ponderou-se sobre quais características sociopsicológicas estavam envolvidas

no processo de utilização da linguagem; em terceiro e último lugar, verificou-se quais foram as características em comum que tipificam uma linguagem excludente, a fim de se tecer um comentário englobante sobre o que subjaz a esse tipo de discurso.

Quadro 4 – Macroato de fala 1**MACROATO DE FALA 1:** introdução da discussão

“Senhor presidente e queridos colegas vereadores, cidadãos de casa que nos acompanham. Neste momento, neste momento obscuro e complicado da nossa cidade, da nossa querida região da Serra Gaúcha, eu gostaria de tratar um assunto na pauta de hoje que é muito importante e que afeta boa parte dos produtores da Serra Gaúcha em outras regiões, que é a falta de mão de obra para o trabalho do campo. E eu vivo falando isso desde que estou aqui. A tal situação se agrava no período da safra, quando demanda por mão de obra, que já é escassa e aumenta. Essa pauta ganhou grande repercussão nos últimos dias, senhoras e senhores, em função dos acontecimentos em Bento Gonçalves que, na minha visão, são exagerados e midiáticos. Me deparei com uma avalanche de críticas e até ofensas a empresas e empresários do setor vitivinícola, que hoje eu ouvi falar aqui da Estrada do Vinho, que, sob a minha ótica, são desmedidas e injustas. Empresas que são muito importantes para a nossa Serra Gaúcha e para o nosso país, que são centenárias, que estão sofrendo um verdadeiro linchamento digital”.

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante acredita que há um exagero midiático sobre o tema em pauta;
- (B) o falante demonstra insatisfação;
- (C) o falante assume uma personalidade intolerante;
- (D) o falante apresenta uma interação impaciente;
- (E) o falante tem uma função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 5 – Macroato de fala 2**MACROATO DE FALA 2:** posicionamento

“Na verdade, eu venho aqui prestar minha solidariedade aos empresários e produtores rurais, visto que tenho pleno conhecimento das dificuldades de se empreender, principalmente no setor da agricultura. Ademais, venho acompanhando os deslindes dos acontecimentos em Bento Gonçalves, inclusive com relatos e imagens do local que noto um verdadeiro exagero, sobretudo o que se vem dizendo pela imprensa. Aliás, não é novidade. Como é de costume, o empresário é tratado como vilão neste país, como é visto de longa data na imprensa. Inclusive nas novelas, que são um lixo cultural neste país. As novelas brasileiras são um lixo cultural neste país e vão receber um monte de grana. Essa é a parte mais bonita. Segundo informações prestadas por uma das vitivinícolas, tudo e qualquer prestador de serviço da Aurora, vou fazer nome, a mesma que os funcionários recebem alimentação de qualidade durante o turno de trabalho, como café da manhã, almoço e janta, sem distinções, sem distinções. A Vinícola Aurora conta hoje com 540 funcionários, todos devidamente registrados e obedecendo à legislação trabalhista”.

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante acredita que há, ainda, um exagero midiático sobre o tema;
- (B) o falante aparenta revolta com a situação;
- (C) o falante assume uma personalidade agressiva;
- (D) o falante apresenta uma interação defensiva;
- (E) o falante tem uma função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 6 – Macroato de fala 3**MACROATO DE FALA 3:** justificativa

“Porém, na safra da uva, dentro de um período de 60 dias, entre janeiro e março, a empresa depende de grande número de trabalhadores, se fazendo necessária a contratação temporária para o setor de carga e descarga por causa da escassez da mão de obra”.

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante justifica a situação como "esperada" dentro do setor;
- (B) o falante aparenta conformidade com o descrito;
- (C) o falante assume uma personalidade condescendente;
- (D) o falante apresenta uma interação equilibrada;
- (E) o falante tem função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 7 – Macroato de fala 4

MACROATO DE FALA 4: argumentação

"No mais, cumpre destacar alguns relatos de um ex-colaborador da empresa terceirizada, supostamente envolvida com o caso, que atuou na condição de supervisor dos trabalhos que afirmou. Gente, aqui vem a parte que mais interessa a todo mundo. As palavras que eu vou falar agora são palavras da boca do delator, da boca do delator, e não do defensor, e sim aquele que delatou o suposto crime. Pasmem, porque agora é triste, é complicado, é absurdo o que a gente vai ouvir esse homem dizer. Diz ele, na sua delação: Comecei a perceber trabalhadores cansados, estressados, alguns de ressaca por uma noite de bebedeira. Onde é que escravo sai de noite para ir à bodega encher a cara? Em qual lugar do mundo que o escravo sai de onde ele trabalha para ir à bodega encher a cara? Me digam. Vem aqui alguém e me explique. Em qual lugar do mundo existe esse tipo de escravidão? E aí chamam de escravidão o cara que de noite sai, vai para a bodega, enche a cara e, no outro dia, está cansado, com ressaca, se sente estressado. Gente, é um absurdo, um absurdo! O mesmo supervisor, o mesmo supervisor buscando dar um enfoque político para a situação, que não se esperava mais desse tipo de gente, chegou a dizer que, quando alguém não trabalhava direito, ele tinha que entregar o nome para um cara, pasmem, que andava armado com a camisa do Bolsonaro".

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante apresenta uma definição pessoal de "escravidão";
- (B) o falante apresenta inconformidade com o que é alegado;
- (C) o falante assume uma personalidade combativa;
- (D) o falante apresenta uma interação agressiva;
- (E) o falante tem função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 8 – Macroato de fala 5

MACROATO DE FALA 5: apelação

"Gente, eu compreendo que existem as ideologias e que cada um defende a sua. Mas, quando a gente atinge a hipocrisia máxima, no seu limite absoluto, um cara desses tinha que ir preso. Porque passar de todos os limites dessa forma é inaceitável. Usar da política, da ideologia e da mentira para prejudicar uma empresa como a Aurora, que orgulho da nossa Serra Gaúcha, em todo Brasil e no mundo. Ocorre que parece um exagero quando tudo está publicado em relação à situação de Bento Gonçalves. Gente, eu registro aqui que eu sou contra a qualquer tipo de maus tratos a funcionários de qualquer área, de qualquer área. Agora, quando se usa da mentira e da hipocrisia, a gente não pode aceitar".

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante apresenta valores moderados sobre a defesa de ideias;
- (B) o falante apresenta temperança/solidariedade;
- (C) o falante assume uma personalidade inconformada;
- (D) o falante apresenta uma interação apelativa;
- (E) o falante tem função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 9 – Macroato de fala 6**MACROATO DE FALA 6:** comoção / apelação

"Eu conheço, senhoras e senhores, vários produtores rurais aqui da nossa Serra. Eu conheço os alojamentos aonde os funcionários temporários ficam; são simples, são humildes, mas são temporários, são para 60 dias. O importante é que sejam limpos. Eu visitei ontem, senhoras e senhores, por causa desse caso, eu visitei um alojamento aqui próximo de Caxias, que o agricultor me ligou e me pediu: 'Fantinel, vem ver'. E eu fui. Ele tinha contratado os funcionários por 30 dias e cedeu o alojamento para eles. Ele me chamou lá para mim ver o alojamento, porque os caras trabalharam uma semana e meia e pediram as conta. Ele pagou tudo direitinho, e foram embora. Não dava para entrar no alojamento do fedor de urina, do fedor de podre e da imundícia que eles deixaram o alojamento em uma semana e meia. E a culpa é de quem? Agora o patrão vai ter que pagar empregada para fazer limpeza todo dia para os bonitos também? É isso que tem que acontecer? Temos que botar eles em um hotel cinco estrelas para não ter problema com o Ministério do Trabalho? É isso que nós temos que fazer?"

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante apresenta valores trabalhistas;
- (B) o falante apresenta revolta sobre a denúncia;
- (C) o falante assume uma personalidade agressiva;
- (D) o falante apresenta uma interação apelativa;
- (E) o falante tem função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Quadro 10 – Macroato de fala 7**MACROATO DE FALA 7:** aconselhamento / conclusão

"Gente, eu só vou dar um conselho. Agricultores, produtores, empresas agrícolas que estão neste momento me acompanhando, eu vou dar um conselho para vocês: não contratem mais aquela gente lá de cima. Conversem comigo. Vamos criar uma linha e vamos contratar os argentinos, porque todos os agricultores que têm argentinos trabalhando hoje só batem palmas. São limpos, trabalhadores, corretos, cumprem o horário, mantêm a casa limpa e, no dia de ir embora, ainda agradecem o patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam. Em nenhum lugar do estado, na agricultura, teve um problema com argentino ou com um grupo de argentinos. Agora, com os baianos, que a única cultura que eles têm é viver na praia, tocando tambor era normal que se fosse ter esse tipo de problema. Então eu quero dizer: deixem de lado, deixem de lado, que isso sirva de lição. Deixem de lado aquele povo que é acostumado com carnaval e festa para vocês não se incomodar novamente. E vou mais longe, vou mais longe. O problema, senhoras e senhores, ele foi tão grave, mas tão grave, foi uma escravidão tão grave que, além de os caras voltar bêbado para o trabalho, teve vários, teve vários desse mesmo grupo que não quiseram ir embora, que quiseram permanecer em Bento e que quiseram permanecer na empresa e continuar trabalhando. Ué? Mas se tava tão ruim, senhor presidente? Se tava tão ruim a escravidão, como é que alguns do próprio grupo não quiseram ir embora? Quiseram permanecer trabalhando na empresa? Ué? Se tava tão ruim, a situação teria que ser unânime. Todos deveriam querer ir embora. Então vamos abrir o olho, povo que me assiste, tá, quando falam em análogo à escravidão, porque eu conheço bem como é que funciona essa situação. (Esgotado o tempo regimental.) Para concluir, senhor presidente, para concluir, a intenção é trabalhar 10, 15, 20 dia, receber 60 e mais os direito".

CONDIÇÕES SOCIOPSICOLÓGICAS:

- (A) o falante apresenta posições raciais;
- (B) o falante apresenta ponderação;
- (C) o falante assume uma personalidade conciliadora;
- (D) o falante apresenta uma interação amigável;
- (E) o falante tem função pública cujo papel é representacional;
- (F) o falante participa de uma esfera pública/institucional.

Fonte: elaboração dos autores (2024).

Nesta seção, apresentamos os macroatos de fala no proferimento do vereador Fantinel em pequenos blocos de enunciados e classificados de acordo com a categorização proposta por van Dijk (1980). Os macroatos foram assim divididos e postados em tabelas de acordo com as diferentes forças ilocucionárias para fins de análise.

3 Análise dos macroatos de fala

Analisaremos os macroatos de fala do vereador Fantinel a partir de uma perspectiva do discurso. Serão considerados conceitos de *A arte da Retórica* de Aristóteles, da pragmática e da ideologia atrelada ao discurso, conforme proposto por Fairclough (1995, 1996, 2001, 2012). Se analisarmos as características da oratória e de suas estratégias de uso, o discurso de Fantinel é político, apelativo e estrutura-se a partir do princípio de *pathos*, proposto em *A arte da Retórica* de Aristóteles (2018). O princípio de *pathos* é caracterizado por criar conexões emocionais com a plateia; é um recurso bastante empregado por políticos brasileiros para chamar a atenção de seus eleitores e dos cidadãos em geral, para que eles se sintam próximos ao falante e, de certa forma, representados pelo que é exposto. O discurso do vereador, ainda que pretenda ser lógico e fazer uso de um raciocínio acerca dos fatos que demonstra, é fraco nos argumentos segundo o princípio de *logos*. Por fim, embora um vereador, em tese, devesse ser uma autoridade sobre assuntos públicos, diante do conteúdo do discurso com características racistas, xenófobas e ideológicas, que também serão discutidas à luz da ideologia atrelada ao discurso, proposta por Fairclough, não segue os princípios de *ethos*, relacionados à ética, à credibilidade e à confiabilidade. A oratória de Fantinel, portanto, segue preponderantemente o princípio de *pathos*, como estratégia de persuasão.

Sob a perspectiva de van Dijk (1981), no primeiro macroato de fala, percebemos alguns recursos linguísticos que foram utilizados com a

finalidade de provocar a aproximação dos ouvintes ao discurso e causar efeitos perlocucionários: "*queridos colegas vereadores*", fato que também é apelativo e persuasivo aos colegas de tribuna; "*neste momento obscuro da nossa cidade*" revela uma estratégia exagerada que causa um efeito perlocucionário alarmista no ouvinte. Ainda no mesmo excerto, o vereador utiliza-se de vocativos próprios de auditório: "senhoras e senhores"; tenta amenizar a situação com o uso de *hedges*⁷: "*na minha visão e sob a minha ótica*"; e utiliza-se de uma hipérbole: "*avalanche de críticas*" – para caracterizar a sua opinião sobre a denúncia do Ministério Público às condições semelhantes à escravidão na Serra Gaúcha. Vale destacar que o uso de figuras de linguagem, como a hipérbole, é próprio da estratégia de *pathos*, que pretende sempre emocionar o interlocutor. Fantinel até mesmo qualifica a denúncia do Ministério Público como "*ofensas desmedidas e injustas*", descredibilizando a atuação legal do órgão, a Constituição Federal e a legislação trabalhista. O vereador termina a introdução de seu discurso afirmando a importância das vinícolas que são "*centenárias*", podendo haver um exagero sobre a idade das vinícolas, e conclui dizendo que elas estavam sofrendo um "*verdadeiro linchamento digital*", novamente duas estratégias próprias do *pathos*, cujos objetivos são de sensibilizar a plateia e de que os ouvintes se posicionassem a favor das vinícolas ou repensassem seu posicionamento. Cabe lembrar a capacidade persuasiva da estratégia de *pathos* de fazer a audiência repensar ou até mesmo mudar de opinião.

O segundo macroato de fala inicia com o *hedge* "*Na verdade*", que exerce a função de situar o ouvinte sobre a situação de que trata o discurso do vereador. Fantinel, então, inicia: "*eu venho aqui prestar minha solidariedade aos empresários e produtores rurais, visto que tenho pleno conhecimento das dificuldades de se empreender no setor da agricultura*". O termo *solidariedade* procura provocar no ouvinte sentimentos de empatia, assim como a palavra *dificuldades*. O contexto,

⁷ Neste trabalho, apropriamo-nos da definição apresentada por Brown e Levinson (1987, p. 145), compreendendo *hedge* como "uma partícula, uma palavra, ou um sintagma que modifica o grau de associação de um predicado ou um sintagma nominal em um conjunto; essa associação é parcial, ou verdadeira até certo ponto, ou mais verdadeira e completa do que poderia ser previsto".

no entanto, pode gerar um ato perlocucionário ambíguo no interlocutor, visto que parece que ser um grande produtor rural é tão ou mais difícil do que ser um camponês. Um dado interessante sobre esse discurso é que o próprio vereador é também produtor agrícola, fato que torna sua fala uma representação parcial do fato e também de alto valor ideológico. O vereador novamente compara as denúncias do Ministério Público e a repercussão da mídia como um verdadeiro exagero: "[...] venho acompanhando [...] inclusive com relatos e imagens do local que noto um verdadeiro exagero, sobretudo o que se vem dizendo pela imprensa". Essa parte também gera um ato perlocucionário de estranheza, de inconformidade por parte do interlocutor, visto que o "verdadeiro exagero" nada mais é do que a denúncia do Ministério Público, já citada anteriormente, sobre os relatos de maus-tratos dos empregados em situações análogas às de escravidão.

Fantinel continua seu pronunciamento: "[...] como é de costume, o empresário é tratado como vilão neste país, como é visto de longa data na imprensa. Inclusive nas novelas, que são um lixo cultural neste país. As novelas brasileiras são um lixo cultural e vão receber um monte de grana. Essa é a parte bonita". Nesse seguimento, o vereador volta a defender os empresários e utiliza-se novamente da estratégia do princípio de *pathos* de forma extremamente apelativa, com o uso da expressão *vilão*, "o empresário é sempre o vilão neste país", e com fortes críticas à imprensa e à telenovela brasileira, a qual ele classifica de "lixo cultural", sendo bastante agressivo à cultura popular brasileira, à expressão artística mais popular da teledramaturgia no País e, especificamente, à Rede Globo, emissora de televisão responsável pelas telenovelas e pela transmissão das denúncias do Ministério Público na região da Serra Gaúcha. Ele também utiliza os termos *grana*, expressão popular, como forma de se aproximar da plateia, e finaliza o segmento ironizando com o enunciado "Essa é a parte bonita".

Por fim, o vereador finaliza esse segundo macroato de fala garantindo que todos os funcionários da vitivinícola Aurora (ao todo são 540

funcionários) recebem alimentação de qualidade, sem distinções, e estão registrados de acordo com a legislação trabalhista. O vereador termina essa parte do discurso utilizando o princípio do *ethos* para defender a empresa.

O terceiro macroato de fala faz menor uso da estratégia de *pathos* e maior uso da estratégia de *logos*. Nele não se observam usos hiperbólicos de palavras, nem persuasão apelativa, mas certas escolhas lexicais que se referem à sua opinião, como "contratação temporária" e "escassez de mão de obra", para trabalho análogo à escravidão: "porém, na safra de uva, dentro de um período de 60 dias, entre janeiro e março, a empresa depende de grande número de trabalhadores, se fazendo necessária a contratação temporária para o setor de carga e descarga por causa da escassez da mão de obra".

Por sua vez, no quarto macroato de fala, há o uso do vocativo *gente*, repetidas vezes, próprio da linguagem coloquial, utilizado para referir-se a um grande número de pessoas e para aproximar-se do público, dentro do contexto de *pathos*. O vereador também repete alguns termos para efeitos retóricos apelativos a fim de instigar a indignação na plateia: "[...] que eu vou falar agora são palavras da boca do delator, da boca do delator, e não do defensor, mas daquele que delatou o suposto crime". Quando o vereador qualifica o crime como suposto, "suposto crime", ele também gera um ato perlocucionário de estranheza, de inconformidade e até mesmo indignação na audiência em relação à denúncia do Ministério Público. O vereador faz a escolha lexical do verbo *pasmem*, com forte apelo emocional, reforçando o viés argumentativo do princípio do *pathos*. Nesse segmento há inúmeras perguntas retóricas que têm por objetivo conduzir a plateia a formar um raciocínio lógico sobre os eventos, próprio do princípio de *logos*, mas que não é alcançado pela ausência de coerência interna no princípio de *ethos*.

É nesse macroato de fala que surgem os termos *escravo* e *escravidão*. O vereador, então, inicia suas perguntas retóricas, questionando se escravos saem à noite para beber, e como se

poderia classificar em escravidão um sistema em que escravos têm o "direito" de sair à noite para beber. Esses segmentos ferem o princípio de *ethos*, e perdem credibilidade, ao menosprezar situações comprovadas de trabalho análogo à escravidão, pois para Aristóteles o fazer retórico precisa seguir a *eupraxia*⁸, o bem agir socialmente. O vereador repete o vocativo *gente* e qualifica a situação como absurda, gerando um ato perlocucionário, de estranhamento, inconformidade e indignação entre os interlocutores, de forma que sua estratégia de persuasão não é bem-sucedida, devido à não observação da *eupraxia*. O macroato de fala termina com Fantinel mencionando mais um detalhe do relato do delator, o de que havia um funcionário armado, vestido como camiseta do Bolsonaro, que anotava os nomes de quem não trabalhava direito, episódio que é criticado pelo vereador como tentativa de politizar os fatos.

O quinto macroato de fala apresenta uma tentativa de equilíbrio de forças em relação ao macroato anterior, mas que não é bem-sucedida, pelos atos perlocucionários causados na audiência no macroato anterior, em razão da gravidade de quebra da *eupraxia* e da má-formação do *ethos*. Essa estratégia já foi utilizada anteriormente pelo vereador, como forma de amenizar o tom de seu posicionamento. Novamente, ele inicia seu discurso com o vocativo *gente*, que se repete ao longo de seu pronunciamento: "*eu compreendo que existem ideologias e que cada um defende a sua*". Nesse excerto ele busca ponderação e empatia, o que é logo desfeito pelo vereador ao qualificar a descrição do delator de ter atingido "*a hipocrisia máxima*" e de ter usado "*da política, da ideologia e da mentira para prejudicar uma empresa como a Aurora, que lê] orgulho da nossa Serra Gaúcha, em todo Brasil e no mundo*". Existe uma quebra de decoro parlamentar ao falar em hipocrisia e mentira, um exagero ao dizer que a Aurora é orgulho do Brasil e do mundo, próprios do *pathos*.

As palavras de Fantinel perdem totalmente o tom do decoro a ponto de dizer que "*um cara desses tinha que ir preso*", contrariando o bom senso e a constituição do *ethos*, demonstrando uma contradição do vereador: ao mesmo tempo que reclama do exagero publicado sobre a ação das vitivinícolas, é quem mais exagera em seu pronunciamento. Em uma tentativa de restaurar o equilíbrio e preservar sua face, o vereador afirma que é "*contra qualquer tipo de maus tratos a funcionários de qualquer área*", reiterando, no entanto, que, se há uso de mentira e hipocrisia, não podem ser aceitos os argumentos.

O sexto macroato de fala procura defender mais uma vez os produtores rurais da Serra Gaúcha alegando que as condições dos alojamentos dos empregados são simples porque são temporárias, são destinadas a curtos períodos de trabalho de até 60 dias. O importante, segundo o parlamentar, é que sejam limpos. Neste segmento, Fantinel se vale novamente do vocativo próprio de auditórios *senhoras e senhores* para dirigir-se aos interlocutores.

Fantinel se coloca como testemunha ocular dos alojamentos e garante ter visitado um alojamento próximo a Caxias, diante de uma solicitação de um agricultor, cujos empregados tinham trabalhado uma semana e meia, tinham pedido demissão e recebido adequadamente pelo trabalho prestado. A solicitação de visita pelo agricultor pode ser interpretada como um pedido de auxílio por parte dos agricultores junto à Câmara dos Vereadores, através de Fantinel. O relato da visita de Fantinel credita as más condições do alojamento aos próprios trabalhadores: a falta de higiene, o cheiro de urina, a sujeira – desconsiderando a hipótese de que talvez o alojamento já estivesse assim antes da chegada desses trabalhadores.

Então, o vereador novamente faz uso de perguntas retóricas para terminar o macroato de fala, questionando e eximindo a responsabilidade

⁸ A obra da retórica de Aristóteles foi escrita, de acordo com seus estudiosos, para orientar a vida em sociedade e aprimorar os valores éticos de seu tempo; portanto, da prática da *eupraxia*, conforme afirma Lima (2011). Além disso, há diversos registros ao longo da obra da importância do fazer ético do orador, que não deve persuadir para fazer o não bem, para incitar o não bem. Embora no tempo de Aristóteles a prática de escravidão fosse aceita, atualizamos suas ideias às de nosso século, de forma que um bom orar não deve em seu discurso defender práticas de situações análogas à escravidão.

dos empregadores, sendo muitas vezes irônico e desrespeitoso, perdendo o decoro ao falar sobre o Ministério do Trabalho: *"E a culpa é de quem? Agora o patrão vai ter que pagar empregada para fazer limpeza todo dia para os bonitos também? É isso que tem que acontecer? Temos que botar eles em um hotel cinco estrelas para não ter problema com o Ministério do Trabalho? É isso que nós temos que fazer?"*

O final do sexto macroato de fala de Fantinel não tem credibilidade, pois seu posicionamento compromete a constituição de seu *ethos*, e não consegue através do *pathos* comover o interlocutor, tampouco pode através do *logos* formar um raciocínio lógico, embora tente. Ele falha nos três parâmetros propostos por Aristóteles, além de causar um efeito perlocucionário de incômodo e indignação por parte dos ouvintes ao depreender que empregados temporários não são dignos de moradias limpas e organizadas, e que esses empregados são sujos e não têm hábitos de limpeza regulares.

O sétimo e conclusivo macroato de fala contém os pronunciamentos mais importantes desse discurso. O vereador inicia esse macroato de fala utilizando novamente o vocativo *gente* e dirigindo-se ao grupo de agricultores, produtores e empresários gaúchos para dar um "conselho". É, então, que ele inicia seu discurso xenofóbico: *"não contratem mais aquela gente lá de cima"*, referindo-se à população da região Nordeste. O vereador generaliza a região e a diminui ao referenciar assim, com desdém, usando o que se chama em pragmática de *otherness* – "aquela gente", "aquela", um dêitico mais distante, diminuindo a personalidade de uma pessoa, ou grupo de pessoas. Fantinel segue com seu discurso xenofóbico e preconceituoso: *"[...] vamos contratar os argentinos, porque todos os agricultores que têm argentinos trabalhando só batem palmas. São limpos, trabalhadores, corretos, cumprem horário, mantêm a casa limpa e, no dia de ir embora, ainda agradecem o patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam. Em nenhum lugar do estado, na agricultura, teve [...] problema [...] com [...] grupo de argentinos"*.

Nesse trecho o vereador elogia os argentinos em comparação aos prestadores de serviço nordestinos, fazendo escolhas lexicais para qualificá-los tais como: *"são limpos, trabalhadores, corretos, cumprem horário, mantêm a casa limpa, e no dia de ir embora ainda agradecem o patrão pelo serviço prestado e pelo dinheiro que receberam"*, de forma que, ao enaltecê-los em detrimento dos nordestinos, como se estes não tivessem as mesmas qualidades, reforça a xenofobia contra a população do Nordeste e o preconceito, além de defender o crime de trabalho análogo à escravidão, ao afirmar que *"em nenhum lugar do estado, na agricultura, teve [...] problema [...] com grupo de argentinos"*, novamente reiterando o crime de xenofobia.

Como se não fossem suficientes esses comentários, o vereador segue seu pronunciamento com os trechos que o tornaram mais emblemático: *"Agora, com os baianos, que a única cultura que eles têm é viver na praia, tocando tambor era normal que se fosse ter esse tipo de problema. [...] Deixem de lado aquele povo que é acostumado com carnaval e festa para vocês não se incomodar[em] novamente"*. Nesse excerto, Fantinel reduz a população nordestina à Bahia e a diminui ao dizer que a cultura dela é inferior, reforçando uma estereotipia de praia, festa e carnaval, como se as pessoas dessa região não trabalhassem ou estudassem. Nesse mesmo trecho, Fantinel é racista ao associar baianos, população majoritariamente afrodescendente, ao retumbar de tambores, instrumento próprio da cultura afro, como uma cultura inferior e pouco interessada em trabalhar.

O vereador continua utilizando novamente o vocativo *senhoras e senhores* e inicia com um tom irônico, de escárnio, sobre as condições de trabalho semelhantes às de escravidão: *"O problema [...] foi tão grande, foi uma escravidão tão grave que, além de os caras voltar[em] bêbado[s] para o trabalho, teve vários desse mesmo grupo que não quiseram ir embora, [...] que quiseram permanecer na empresa e continuar trabalhando"*. Fantinel faz uso do escárnio e do desdém para falar do fato, menosprezando as denúncias do

Ministério Público. Também desconsidera que a maioria dos prestadores de serviço possuem baixa escolaridade e são analfabetos, não podendo compreender quais são seus direitos legais. O vereador novamente é racista, considerando o contexto e os fatos históricos em que a escravidão ocorreu no Brasil. Fantinel, então, dirige-se pela primeira vez, no fim de seu pronunciamento, ao presidente da Câmara, de forma bastante informal e indignada, valendo-se inclusive de interjeições e de várias perguntas retóricas: "Ué? Mas se tava tão ruim, senhor presidente? Se tava tão ruim a escravidão, como é que alguns do próprio grupo não quiseram ir embora? Quiseram permanecer trabalhando na empresa? Ué? Se tava tão ruim teria que ser unânime. Todos deveriam querer ir embora". O vereador faz pouco caso do fato e descredibiliza a ação do Ministério Público, utilizando-se de uma linguagem popular, terminando seu discurso ao afirmar que a escravidão referida é falsa, pois na verdade as pessoas querem trabalhar poucos dias e ganhar pelos dois meses com seus direitos trabalhistas. O vereador encerra seu pronunciamento com um discurso de ódio, sendo também elitista, ideológico, extremista, xenofóbico e racista, contrário aos princípios éticos e legais da Constituição Federal e das leis trabalhistas consolidadas.

Considerando os conceitos trazidos por Aristóteles em *A arte da Retórica*, o princípio de *ethos* não é respeitado devido ao caráter principal de constatações e defesa do vereador: inversão de valores e defesa de empresas que empregaram funcionários em condições semelhantes à de escravidão; discurso de ódio, xenofobia, racismo, ideologia extremista e pouco caso com um dos fatos mais sangrentos e tristes da história do Brasil, o período da escravidão. Ainda, o princípio de *logos* é pouco utilizado, e quando utilizado é muitas vezes descredibilizado pelo próprio conteúdo, em razão do *ethos*. Observamos que o princípio dominante é o de *pathos*. A estratégia do uso de *pathos* perpassa todo o discurso do político, que se sensibiliza com o lado dos vitivicultores e busca defendê-los inúmeras vezes de forma agressiva e excludente. Esse fato é

bastante curioso, pois aquilo a que diversas vezes o vereador se refere não se trata da denúncia do Ministério Público de situações de trabalho análogas à escravidão, mas sim da defesa das empresas vitivinicultoras e dos produtores rurais da região. De acordo com a ACD, isso acontece porque a agenda política capitalista converge com os interesses neoliberais das instituições privadas, à medida que são apresentados ao público como cristalizados no senso comum, tal qual demonstrado em enunciados como "o empresário é tratado como vilão neste país". Nessa perspectiva, o falante, ao assumir papel de sujeito governamental, assume também os interesses das classes dominantes, as quais são responsáveis pelo financiamento e pela manutenção do sujeito nesta função social.

Considerações finais

A partir do discurso em questão, podemos notar, através da análise realizada, posicionamentos extremistas oriundos das ideologias dominantes da estrutura social, que refletem um contexto político hegemônico em uma sociedade contemporânea baseada em práticas de dominação das massas. Nessa perspectiva, o discurso propagado pela máquina capitalista naturaliza falas excludentes, tornando-as *knowledge base* que se infiltra nas demais camadas da sociedade e as aproxima desse espectro político. O discurso do vereador situa-se num contexto maior, de prática social institucional, em que o ator social representa, incorpora e desempenha posicionamentos padronizados na estrutura social, assinalados diversas vezes ao longo do pronunciamento observado, explícito nas próprias escolhas lexicais e pelas intenções subjacentes a elas.

A sociedade responde às práticas discursivas devido aos atos perlocucionários provocados pelas percepções e reações dos interlocutores, através de reportagens e editoriais. Grupos de movimentos sociais e ativistas se engajaram na causa e escreveram textos para reflexão da sociedade, cujos questionamentos e ações também fazem parte dos atos perlocucionários que

os macroatos de fala de Fantinel provocaram na população, com seu discurso discriminatório.

O discurso do vereador caracteriza, portanto, um legítimo exemplo de linguagem excludente em que se observa um macroato de fala ainda maior que generaliza a intenção do parlamentar ao descredibilizar o Ministério Público com vistas a eximir as vitiviniculturas de sua responsabilidade trabalhista. Nesse macroato de fala de deliberação, o falante, envolto por emoções passionais, urge para que se tome uma posição sobre um tema polêmico cujas críticas, em sua opinião, são descabidas e injustas, variando seu tom do condescendente ao intolerante, na perspectiva de uma autoridade, cuja função é representar e participar de uma esfera pública institucional.

Referências

ARISTOTLE. *The Art of Rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha D'Água*. São Paulo, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. New York: Longman, 1996.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, M. A. de. *A Retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia*. Rio Grande do Norte: IFRN, 2011.

RAJAGOPALAN, K. Os caminhos da pragmática no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 15, n. esp., p. 323-338, 1999.

van DIJK, T. A. Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures. In: van DIJK, T. A. *Discourse, interaction, and cognition*. Hillsdale: Erlbaum, 1980.

van DIJK, T. A. *Studies in the Pragmatics of Discourse*. The Hague: Mouton, 1981.

Cristina B. Lopes Perna

Doutora, com estágio de doutorado-sanduiche na Indiana State University (EUA) e pós-doutorado na Newcastle University, da Inglaterra (Estágio Sênior Capes), e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bacharel em Letras Português-Inglês-Francês pela PUCRS. Professora titular da Escola de Humanidades (Letras) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, no qual coordena o grupo de pesquisa sobre o Uso e Processamento da Linguagem: Pragmática e Interfaces (UPLA).

Leonardo Sarmiento Travincas de Castro

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista Capes/Proex. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (Unitau). Graduado em Letras Inglês pela Universidade Ceuma (Uniceuma). Professor concursado de inglês da Rede de Ensino do estado do Maranhão.

Lucas Zambrano Rollsing

Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista Capes/Proex. Graduado em Letras Inglês-Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Maria Fernanda do Nascimento

Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista Capes/Proex. Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Martha Machado Porto

Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista Capes/Proex. Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Mônica Silveira Jorge da Silva

Doutoranda e mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bolsista Capes/Proex. Graduada em Letras Inglês pela Uniaselvi (Nead) e em Letras Licenciatura em Português e Literaturas na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Professora de Língua Portuguesa nomeada pela Prefeitura Municipal de Alvorada.

Endereço para correspondência

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 9
Partenon, 97010-082
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.